

O PAPEL DO EDUCADOR NA INTERVENÇÃO DO BULLYING

THAÍS NORONHA DOS REIS
THALITA CRISTINA LAMEIRA DE SOUZA
LUCI MARA LUNDIN
thais.nor@gmail.com
thalilameira@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo buscou através da revisão bibliográfica investigar os tipos de bullying existentes e como o professor deve intervir de forma segura diante dessas situações. O bullying é caracterizado como abuso de poder físico e psicológico, em geral, as agressões acontecem sempre em desigualdade de poder, isto é, sempre o mais forte contra o mais fraco. De acordo com os estudos revisados, as consequências referentes ao bullying são extremamente variadas. Em contraposição do que muitos imaginam, as vítimas não são as únicas a sofrerem com o impacto do bullying, tanto testemunha quanto autor sofrem de forma significativa no âmbito emocional e no processo de ensino aprendizagem. Ficou evidenciado que a crença pessoal do professor em relação ao bullying influencia diretamente no seu modo de ver a situação e de intervenção, o docente que se posiciona diante das adversidades vivenciadas em sala de aula, influencia sob a tomada de decisão dos alunos ao presenciar episódios de qualquer tipo de agressão entre seus colegas. Partindo desse ponto de vista, o relacionamento estabelecido em sala de aula é indispensável à consciência da prática de bullying. Visto que salas de aula marcadas por vínculos harmônicos afetuosos e altruísticos, também são vistas como ambientes que têm menos ocorrências de agressões.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Intervenção. Combate.

ABSTRACT

The present study searched through a literature review, to investigate the types of bullying that exist and how the teacher should safely intervene in these situations. Bullying is used as an abuse of physical and psychological power, in general, as aggression always takes place in an inequality of power, that is, always the strongest against the weakest. According to the studies reviewed, the consequences of bullying are extremely varied. Contrary to what many people imagine, victims are fatally not the only ones to suffer from the impact of bullying, both witness and author suffer significantly in the emotional sphere and in the teaching-learning process. It was evident that the teacher's personal beliefs in relation to bullying directly influences their way of seeing the situation and intervention, the student who takes a stand in the face of adversities experienced in the classroom, influences the decision-making of students when witnessing episodes of any kind of aggression between your colleagues. From this point of view, what is established in the classroom is essential to the practice of bullying. Since classrooms are marked by harmonious, affectionate and altruistic bonds, they are also seen as environments that have fewer occurrences of aggression.

KEY-WORDS: Bullying. Intervention. Combat.

INTRODUÇÃO

A boa convivência no ambiente escolar representa um desafio, pois, como na escola se reflete o pluralismo da sociedade, as diferenças pessoais, étnicas/culturais e econômicas podem originar conflitos (da Silva, Jorge Luiz; Rezende Bazon, Marina, 2017, p. 616). Esses conflitos podem se manifestar das mais variadas formas, inclusive como bullying.

O bullying é caracterizado como abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro (RISTUM, M. B, p. 96). Criando assim um clima muito prejudicial para a aprendizagem dos envolvidos, sejam eles vítimas, agressor, ou apenas aos que assistem às agressões.

A violência acontece de várias formas, xingamentos, empurrões, ameaças ou ridicularizações, onde há o “valentão” popular que ao praticar a violência se sente mais confiante com os demais alunos, exibindo poder contra os mais fracos. (FANTE, 2005) destaca que o bullying é um comportamento cruel característico nas relações interpessoais, em que os mais fortes através de brincadeiras transformam os mais fracos em objetos de diversão e prazer. Esse tipo de violência pode acontecer em qualquer local, seja na escola, pela Internet (conhecido como cyberbullying), nas famílias ou em outros locais, em geral, elas são chamadas de “brincadeiras de mau gosto”, o que pode acarretar sérias consequências às vítimas.

Considero o tema bullying, um dos mais importantes para a educação e para erradicação da violência entre escolares em nosso país, principalmente por sua especificidade, implicações e consequências, visto que acarreta enorme prejuízo à formação psicológica, emocional e socioeducacional do indivíduo que é vitimizado por esse fenômeno (FANTE, 2005, p. 9).

Em geral, as agressões acontecem sempre em desigualdade de poder, isto é, sempre o mais forte contra o mais fraco. Pesquisadores do mundo todo observaram que casos de bullying atingem o início da escolarização, calcula-se que em torno de 5% a 35% estão envolvidos de alguma forma, em condutas agressivas na escola (FANTE, 2005). De acordo com a pesquisa com amostra

nacional de (OLIVEIRA, 2016) a prevalência do bullying nas escolas brasileiras, foi de 28%.

Na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontece o ataque à vítima; assim, os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos. É comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola. (FANTE, 2005, p. 49).

Diante de tal situação, o professor é peça fundamental dentro do combate ao bullying, além da aprendizagem, ele é chave no auxílio ao combate a atitudes violentas, o professor precisa estar preparado e perceber quando a violência está ocorrendo para assim se posicionar e criar ações capazes de combater o bullying em sala de aula de forma justa e significativa, viabilizando não apenas quem sofre com a violência, mas também com quem pratica, no sentido de realizarem intervenções precoces, auxiliando o agressor a estabelecer uma boa convivência com os colegas e incentivando a vítima a buscar ajuda sempre que necessário. (Silva, Oliveira, Bazon, Cecílio, 2013).

Como o professor pode intervir no combate ao bullying na sala de aula

No estudo sobre bullying de Silva et al. (2014), com professores brasileiros, verificou-se que os investigados possuíam conhecimentos gerais acerca do bullying, em sua maioria incompletos ou fragmentados. Embora o nível de conhecimento tenha variado, em termos de abrangência e de profundidade, este não era, de modo geral, suficiente para que eles identificassem a maioria das agressões ocorridas em sala de aula. Dentro disso, as intervenções que realizavam eram pontuais e desarticuladas.

De acordo com a pesquisa de (Silva, J. L., Oliveira, W. A., Bazon, M. R., Cecílio, S. 2013) foi identificado que os professores, geralmente, privilegiam a discussão e a problematização dos comportamentos de agressão com os alunos envolvidos e com a turma em sua totalidade, com vistas a conscientizá-los das consequências negativas dos atos praticados e a oferecer outros esclarecimentos sobre o ocorrido. Nos debates buscam-se viabilizar soluções

para a prevenção, o combate e a punição à violência cada dia mais frequente no âmbito escolar.

Uma vez que as crianças que têm contato com qualquer tipo de violência, poderão crescer com problemas de autoconfiança e baixa-estima, tornando-se adultos com dificuldade para se relacionar e socializar (BALLONE 2005). A discussão vai muito além de criar um estereótipo apontando vítima, agressor e espectador, o intuito é que haja um processo de reflexão envolvendo toda a comunidade escolar na tentativa de promover a conscientização dos efeitos traumatizantes causados aos envolvidos. Isto só é possível, a partir do momento em que o grupo escolar compreende a ocorrência deste fenômeno na escola e se dispõe a trabalhar juntos.

Pereira (2009) destaca que as instituições de ensino têm papel fundamental no processo de combate ao bullying, indo além da função de formação acadêmica, promovendo também funções como a socialização, cidadania e formação de caráter. A formação integral do alunado, propostas nas legislações e políticas educacionais embasam, ainda mais, a responsabilidade das equipes escolares de intervirem em situações de bullying.

É de suma importância que as escolas e seus professores tenham um olhar cuidadoso em relação às particularidades de cada aluno, tratando-os como únicos e especiais. Para tanto, é necessário ter uma equipe de profissionais capacitados a ensinar a lidar com as diferenças e trabalhar a empatia, para que jamais um colega coloque o outro em situação de constrangimento ou inferioridade. Toro, Neves, & Rezende (2010, p. 134) afirmam: “Faz-se necessária, portanto, a conscientização a respeito do bullying para que sejam realizadas intervenções criativas e bem contextualizadas, amparadas por relações de confiança”. De tal modo, projetos promovam a integração social entre professores e alunos e alunos com alunos, precisam ser desenvolvidos com frequência.

Dessa forma, observamos a dificuldade de solucionar as adversidades que o bullying apresenta, pois se trata de uma forma complexa de violência. Porém, não há uma maneira específica de lidar com as situações causadas pelo bullying, portanto, cada escola precisa promover a criação de uma própria estratégia de acordo com as características de cada caso particular. Uma vez que o bullying é identificado com mais facilidade a partir do momento em que

existe um relacionamento saudável entre professor e aluno, vale ressaltar que o laço criado entre educadores e educandos é o ponto chave para a baixa prevalência do bullying em sala de aula (STASIO; SAVAGE; BURGOS, 2016; WANG et al., 2015), os educadores devem ter a consciência da gravidade e consequências que o bullying proporciona aos educandos, em qualquer momento e espaço da escola, pois de acordo com (LOURENÇO; PEREIRA, 2009) “os diversos tipos de bullying podem ocorrer dentro de todo o ambiente escolar e suas imediações, principalmente nos espaços e tempos livres dos alunos”. Primeiramente, é preciso destacar que o bom relacionamento entre professores e estudantes é apontado como um elemento chave para uma baixa prevalência de bullying em sala de aula. (STASIO; SAVAGE; BURGOS, 2016; WANG et al., 2015).

Fante (2005) destaca que um dos ambientes mais preocupantes da prática bullying é o escolar, pois a violência pode ocorrer de forma silenciosa, o que torna o bullying tão perigoso. As consequências do ato podem ser profundas, muitas crianças vítimas do bullying desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar à escola quando esta nada faz em defesa da vítima (GUARESCHI, 2008, p.17). Sendo assim, o bullying deve ser tratado como um problema complexo e que pode marcar a vítima para sempre.

O papel da escola e do professor é imprescindível para reduzir esse fenômeno, através de programas para os alunos e ações preventivas a realidade pode se tornar outra. O professor é fundamental ao combate à violência, por estar sempre perto dos alunos ele tem o dever de observar se as brincadeiras entre os alunos podem ser bullying, para assim intervir de forma correta.(SANTOS, 2017) destaca que para se combater ou prevenir o bullying na sala de aula o professor não precisa necessariamente saber o conceito do bullying, obviamente que se o professor conhecer o que é o bullying e suas consequências tudo será facilitado para se trabalhar a sua prevenção na sala de aula (p.18).

Frente ao quadro apresentado e a vivência de situação de Bullying nas escolas que fazemos estágio, justifica nosso interesse em desenvolver a temática em nosso trabalho de conclusão de curso – TCC, já que no cotidiano

escolar precisamos, enquanto professores, estar preparados para intervir nessas situações.

A temática do TCC também é relevante já que visamos propor intervenções que professores possam fazer em situações de bullying, tentando evitar que esse tipo de comportamento, bullying venha a prejudicar as relações entre o alunado e vir a prejudicar o andamento do processo de ensino aprendizagem.

Objetivo Geral

Identificar o papel do educador na intervenção do bullying no ambiente escolar.

Objetivos específicos

1. Observar os tipos de bullying existentes;
2. Identificar como o bullying afeta a vida da vítima, agressor ou a quem assiste à violência;
3. Levantar estratégias de como o professor pode intervir de forma segura e significativa.

Em busca de entender e solucionar a problematização apresentada neste trabalho, optamos por utilizar a pesquisa bibliográfica. O estudo do presente projeto foi fundamentado através do levantamento e análise de materiais publicados como livros, artigos, sites de instituições de ensino, documentos legais e de teóricos que demonstraram importância significativa na construção e definição dos conceitos discutidos nesta análise.

Os principais autores que contribuíram para este trabalho foram Fante (2005); Silva (2010); Neto (2004); Chalita (2008); Oliveira (2016); Luiz (2013); Bazon (2013); Marina (2013), entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

No entanto, vale ressaltar que o repertório de autores tende a aumentar conforme o decorrer das leituras e andamento do projeto, assim como o tipo de pesquisa.

1. O BULLYING

A palavra bullying segundo Fante (2008) pode ser traduzida como valentão, tirano, brigão. Como o verbo bully em inglês significa tyrannizar,

amedrontar, brutalizar, oprimir então o substantivo bullying descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica de uma pessoa ou grupo de pessoas em relação a uma outra pessoa (par).

Segundo Chalita (2008, p. 14) “o bullying é a negação da amizade, do cuidado, do respeito. O agente agressor, impiedosamente, expõe o agredido às piores humilhações. O agredido dificilmente encontra coragem para se defender”. Ou seja, o bullying ocorre sempre em desvantagem de poder, em que o mais fraco se submete ao mais forte.

Fante, 2005 considera o bullying como um fenômeno bastante antigo, pois essa forma de violência sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação. p. 29.

1.2 Tipos de bullying

Existem várias classificações para os tipos de bullying, mas de forma geral existem três tipos de violência, a forma indireta, direta e o cyberbullying.

Vale ressaltar que todas as formas de bullying são prejudiciais para a vítima, agressor e espectador. Causando impactos muitas vezes irreparáveis entre os envolvidos.

1.2.1 Forma indireta

A forma indireta é a mais perigosa, Pereira (2009, p. 47 - 48) afirma que a forma indireta é a que “mais provoca danos psicológicos em suas vítimas e de mais difícil detecção” pois acontece de forma silenciosa, onde um grupo de alunos excluem, isolam, tratam a vítima com indiferença, criam fofocas e intrigas entre os alunos contra a vítima.

1.2.2 Forma direta

É destacada pela agressão verbal (xingamentos, apelidos, ofensas) e agressão física (empurrões, beliscões, tapas, chutes).

1.2.3 Cyberbullying

O cyberbullying acontece através dos meios digitais, de forma cruel, em que o agressor ridiculariza e persegue a vítima através de e-mails, fotos, mensagens e posts, tendo um grande poder de alcance. (BERGAMO, 2018).

1.3 Envolvidos

FANTE (2005) destaca que existem três tipos de envolvidos nas situações de bullying, são eles: o autor, a vítima e a testemunha.

1.3.1 Autor

É aquele que vitimiza os mais fracos, demonstrando pouca empatia diante da violência; geralmente o agressor se mostra mais forte que sua vítima e entre os demais; tornando-se dominador diante das situações; o agressor tende a ser mau-caráter, impulsivo, malvado e irrita-se facilmente; geralmente tem baixa resistência às frustrações.

1.3.2 Vítima

Vítima típica: é o “bode expiatório” para um grupo (ou grupo de indivíduos); na maioria das vezes é pouco sociável, geralmente a vítima típica sente dificuldade de se impor ao grupo, tanto no âmbito verbal quanto no físico, o que torna uma presa fácil diante do agressor.

Vítima provocadora: é aquela que provoca o agressor, porém não consegue lidar com eficiência diante das agressões, geralmente a vítima provocadora possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada, porém de maneira ineficaz.

Vítima agressora: reproduz os maus-tratos sofridos, ao passar por situações de sofrimento na escola, tende a reproduzir as agressões nos indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos.

1.3.3 Testemunha

A testemunha ou espectador presencia as situações de bullying porém não o sofre e nem o pratica, representa a maioria dos alunos, onde apenas se observa a agressão porém adotam a lei do silêncio.

Neto (2004), comentou sobre as testemunhas de casos de bullying na sala de aula:

(...) a forma como reagem ao bullying permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper). (NETO. 2004, p.52)

1.4 Causas

De acordo com SILVA (2010) existem variadas motivações para o agressor praticar a violência e cabe aos profissionais de educação identificar cada tipo de agressor:

1. Muitos agressores se comportam dessa maneira por falta de limites em seu contexto familiar;
2. Os agressores procuram nas ações egoístas e maldosas um meio de adquirir poder e status, reproduzindo o que vivem no contexto familiar.
3. Alguns agressores vivenciam dificuldades momentâneas, como uma separação dos pais, ausência de estabilidade financeira, doenças na família, etc. Portanto como as atitudes de violência praticada por esses jovens são um fator novo no seu modo de agir,
4. Por fim, há a minoria dos opressores, porém a mais perversa. Onde as crianças e os adolescentes apresentam o desrespeito como base de sua personalidade, tendo a ausência da empatia (o exercício essencial para o altruísmo).

1.5 Consequências

As consequências referentes ao bullying são extremamente variadas. Em controversa do que muitos imaginam, as vítimas não são as únicas a sofrerem com o impacto do bullying. Tanto testemunha quanto autor sofrem de forma significativa no âmbito emocional e no processo de ensino aprendizagem.

Fante (2005) afirma que são inúmeras as consequências, variando de acordo como cada envolvido reage perante situações envolvendo o bullying.

As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar. (FANTE, 2005, P.44)

Como afirma Neto (2004), quem sofre com o bullying desenvolve inseguranças internas e externas, pois se analisarmos, as dificuldades acadêmicas se tornam mais evidentes a partir do momento em que o alunado tem baixa autoestima e saúde emocional abalada. No entanto, as consequências não estão presentes somente em sua vida escolar. Ainda levando em consideração comentários de Neto, as vítimas que são ridicularizadas e rejeitadas pelo tipo físico, modo de se vestir ou até mesmo de se expressar, desencadeia uma insegurança perante a própria aparência, que antes não existia, o que acaba levando a mesma temer a socialização e locais públicos devido aos traumas vivenciados.

Ao se tratar de dificuldades emocionais, Marchesi (2006,p.82) afirma:

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir-se marginalizado e maltratado.

Para Fante (2005), ocorre o distanciamento e a ausência de adaptação aos objetivos escolares para os agressores. Envolvendo também a supervalorização da violência como forma de obter respeito e poder.

Já para as testemunhas de situações de bullying, que inclui grande parte dos educandos, estes têm uma possibilidade expressiva de sentir-se inseguros e ansiosos, comprometendo o processo socioeducacional.

Tratando-se, portanto, de um fenômeno comportamental, o bullying atinge o ego das vítimas, tornando-as reféns da insegurança e ansiedade e que interfere de forma extremamente negativa em seus processos de aprendizagem, devido a constante mobilização de emoção, angústia, medo e raiva reprimida.

E para Neto (2004), de todos os envolvidos, quem mais sofre com o impacto dos atos de bullying são de fato as vítimas.

Ainda a esse respeito Marchesi (2006, p.90) comenta: "Os maus tratos entre iguais são uma das condutas violentas que mais danos causa a determinados alunos, principalmente aqueles que são maltratados".

2. O PAPEL DO PROFESSOR

O problema existente no ambiente escolar, especialmente em sala de aula, enfatiza o papel do professor, ainda mais se os conflitos envolverem educandos e seu desempenho escolar.

O bullying é uma realidade no cotidiano escolar e vale ressaltar que, no Brasil, diferentemente de outros países, o bullying acontece com maior frequência justamente nas salas de aula, deduzindo-se então que a sua manifestação ocorre na maioria das vezes, diante dos professores (SILVA et al., 2013). Casos de exclusão, ridicularização, agressões físicas e verbais, acontecem em sala de aula e, diversas vezes, na presença do educador. Um dos principais questionamentos em relação a isto é: Por que a presença do professor não inibe a prevalência do bullying e como o mesmo deve agir perante tal situação?

É evidente que as atitudes e postura do professor agem diretamente em como seus alunos se comportam no ambiente escolar. O educador que anula, propaga críticas destrutivas e faz comparações entre os educandos, os expõe

de forma negativa, colaborando para que este aluno seja mais uma vítima do bullying e certamente falta com respeito diante o espaço pedagógico.

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida. (FANTE,2005).

A crença pessoal do professor em relação ao bullying influencia diretamente no seu modo de ver a situação e de intervenção. Nos estudos de Kochenderfer-Ladd e Pelletier (2008), observa-se que o docente que acredita que o bullying é um comportamento normal que ajuda no processo de aprendizagem nas normas sociais, e que os estudantes devem se autodefender - confrontando o agressor ou o evitando - o docente tende a não intervir nessas situações. Obteve-se resultados semelhantes nos estudos de Troop-Gordon e Ladd (2013), os docentes acreditam que se os alunos não evitassem contato com os agressores ou se defendessem a qualquer sinal de intimidação, o bullying não ocorreria.

O professor que não intervém ao presenciar as situações de bullying, transmite aos seus alunos uma imagem de que esse tipo de violência é tolerada e até mesmo aceita (HEKTNER; SWENSON, 2012), causando um ambiente propício a essas situações, principalmente de forma verbal.

De modo geral, essa concepção do bullying é problemática, o professor que não considera o bullying um ato de crueldade e que pode afetar a vida do educando de forma significativa, não age de forma ética e adequada. Vale ressaltar que essa crença de que as vítimas podem e devem se defender dos agressores, reforça a ideia de que elas são as responsáveis pelas agressões sofridas (SILVA et al. 2017).

É evidente que a experiência do docente com o bullying, enquanto estudantes, influencia diretamente no modo de agir ao presenciar a violência em sala de aula. O professor que já vivenciou ou já sofreu bullying, tende a ser mais empático ao lidar com os estudantes, o que leva a vítima a ter mais confiança ao ser abordado pelo profissional e ao receber aconselhamento. O docente precisa entender quão importante é o trabalho em sala de aula, o que engloba não

somente os conteúdos aplicados, mas o respeito e a convivência entre todos, o professor necessita compreender que a escola constitui um sistema de promoção e proteção à infância e a adolescência (da Silva, Jorge Luiz; Rezende Bazon, Marina, 2017).

3. O BULLYING SOB A PERSPECTIVA DO ECA

O ambiente escolar é uma preparação da criança e do adolescente para o convívio social da vida adulta, onde se oferece os instrumentos para o crescimento e desenvolvimento pessoal, social e profissional.

A educação em um ambiente sadio é um dos reconhecidos direitos da criança e do adolescente, bem como, a proteção contra qualquer exposição ao sofrimento e ou tratamento cruel, pois, sabe-se que é dentro deste espectro temporal (infância e adolescência) que a psique constrói o caráter do futuro adulto (OAB PARANÁ, 2020).

O Art. 227 da Constituição Federal diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Para impedir que as crianças e adolescentes sofram qualquer comprometimento de suas garantias a dignidade e ao bem estar, o Estatuto da criança e do Adolescente prevê em seus artigos a proteção destes direitos:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 15: A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. É dever do professor garantir o respeito e a dignidade do educando.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Vale ressaltar que o agressor também é uma vítima, apenas culpar quem pratica a violência não resolve o problema, é preciso um olhar atento a esses estudantes, para evitar que essas situações se formem ou se prolonguem.

4. COMO PREVENIR

Fante e Pedra (2008) aconselham que os professores tenham um olhar atento em relação ao comportamento dos alunos, dentro e fora da sala de aula, e consiga notar caso haja queda brusca individual no rendimento escolar. Além disto observa-se a indispensabilidade de incentivar a solidariedade, generosidade e respeito às diferenças por meio de trabalhos didáticos, conversas e campanhas e/ou projetos de incentivo à paz e à tolerância.

É importante, inclusive, desenvolver um ambiente favorável à comunicação entre alunos dentro da sala de aula. E a partir do momento que o aluno se queixar de qualquer situação envolvendo o fenômeno bullying, o docente deve imediatamente comunicar a direção da escola. A solução ocorre em conjunto com os pais do autor e comunidade escolar.

Não ignorando o fato de que o bom relacionamento entre professor e aluno é essencial para o baixo índice de bullying em sala de aula (STASIO;

SAVAGE; BURGOS, 2016; WANG et al., 2015), e levando em conta que, a partir do momento que os estudantes percebem a vontade do professor em ajudar, cria-se uma interação professor-aluno significativamente positiva, moderando então os efeitos negativos que a experiência do bullying tenha causado no desempenho escolar. Dessa forma, ao proporcionar interação baseada no respeito e na consideração pelas dificuldades escolares e sociais apresentadas pelos estudantes, os docentes desenvolvem condições para se estabelecer, em sala de aula, um contexto de admiração e de cuidado, com pouca ou nenhuma violência. Pois, de acordo com Shin e Hye (2008) crianças/adolescentes vitimadas por bullying relatam, na maioria das vezes, pouca proximidade com seus professores e, por vezes, conflitos com eles, comprovando que situações de bullying são mais frequentes em salas de aula onde o educador se demonstra mais distante da turma, com pouca afinidade e interesse no progresso escolar individual, ou, até mesmo em salas com casos de desentendimentos entre professor e aluno.

A maneira como o professor se posiciona diante as adversidades vivenciadas em sala de aula, tem grande impacto e influência sob a tomada de decisão dos alunos ao presenciar episódios de qualquer tipo de agressão entre seus colegas. Partindo desse ponto de vista, o relacionamento estabelecido em sala de aula é indispensável à consciência prática de bullying. Visto que salas de aula marcadas por vínculos harmônicos, afetuosos e altruísticos, também são vistos como ambientes que têm menos ocorrências de agressões.

Levando em consideração essa perspectiva, as alternativas de prevenção do bullying vão além das campanhas promovidas, terapias individuais ou grupos de auto ajuda, sem provocar uma sobrecarga de atribuições aos professores. A valorização do educador precisa ser enfatizada, e necessita de apoio e incentivo a formação continuada, estimular práticas pedagógicas que tenham o compromisso em romper com bloqueios culturais, promover a interdisciplinaridade, incentivar o diálogo, o respeito à criança e o adolescente e aos seus direitos.

Fante (2008) afirma que “as ferramentas mais eficazes para ensinar regras de convivência saudável aos filhos são o afeto incondicional, o diálogo e

as atividades educativas, como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias', ou seja, o papel da família é fundamental para ensinar aos seus filhos os valores de respeito ao próximo.

5. O MEC NO COMBATE AO BULLYING

O dia 7 de abril é marcado pelo Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência nas Escolas. A data foi instituída em 2016, por meio da Lei nº 13.277. Essa data foi escolhida pelo ocorrido em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 11 crianças.

O Ministério da Educação tem trabalhado na linha de frente no combate ao bullying, apoiando diversos projetos em relação à formação continuada para profissionais da educação (docentes e gestores). Foi criado o Pacto Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura da Paz e dos Direitos Humanos, uma iniciativa conjunta do MEC com o Ministério da Justiça e Cidadania, que tem como objetivo promover a educação em direitos humanos no ensino superior. A finalidade do projeto é superar a violência, o preconceito e a discriminação através de atividades educativas na defesa dos direitos humanos.

O MEC tem atuado na formação de professores para que eles saibam trabalhar com a cultura da paz, o respeito à diferença e à diversidade dentro das escolas, e a evitar essas situações de forma que nem as crianças vítimas ou agressoras possam ser afetadas. (Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi),).

Outro projeto apoiado pelo MEC é o Ser Diferente, Ser Igual, com o intuito de promover a partilha de conhecimento entre docentes, para que estes identifiquem e adotem medidas inovadoras para a resolução das mais variadas formas de violência, discriminação e preconceito no ambiente escolar, com enfoque em combate e prevenção ao bullying. Fundamentada em uma estratégia participativa, a formação tem caráter interdisciplinar, e incentiva o envolvimento de toda comunidade escolar.

Dentro da dinâmica do MEC há um enorme planejamento de enfrentamento que tem a intenção de auxiliar os sistemas da rede municipal e estadual, dentro da educação básica, modalidades especiais e também superior, ao criar uma rede de tolerância, respeito e diálogo.

CONCLUSÃO

Através das diversas investigações discutidas e apresentadas no presente estudo, foi possível compreender, de modo geral, o papel do professor e seu envolvimento nos processos de criação, redução e combate ao bullying. Foi evidenciado também que, os conhecimentos, as crenças e as vivências particulares deles relacionadas ao bullying motivam positivamente ou negativamente o modo como encaram, compreendem e lidam com este fenômeno em classe. Foi evidenciado que o docente que alguma vez já presenciou ou sofreu situações de bullying tendem a ser mais empáticos diante do bullying. Visto que todos os pontos desafiadores na atuação do professor perante esta problemática são passíveis de alteração, ressalta-se a importância de receber formação específica (seja no âmbito da formação inicial, seja na continuada), de maneira a ampliar não somente o conhecimento sobre o tema, mas, especialmente, a sensibilidade e habilidade para intervir no problema, colaborando assim para que o clima escolar seja menos violento e excludente, proporcionando um ambiente favorável à aprendizagem e às interações socioeducacionais.

REFERÊNCIAS

BERGAMO, Karolina. Os 8 tipos de bullying. Veja Saúde, [S. l.], p. Veja Saúde, 13 abr. 2018.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 5. ed. São Paulo: Gente, 2008.

COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.

Bullying sob a perspectiva do ECA. OAB PARANÁ, [S. l.], p. s/p, 13 abr. 2020.

DA SILVA, Jorge Luiz; Rezende Bazon, Marina. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores Revista Educação Especial, vol. 30, núm. 59, septiembre-diciembre, 2017, pp. 615-627 Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, Brasil.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. Bullying Escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FORMAS de bullying. Seja brother MPBA, [S. l.], p. Seja Brother, 30 abr. 2019.

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) Bullying Mais Sério do que se imagina. 2º ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

HEKTNER, J. M.; SWENSON, C. A. Links from teacher beliefs to peer victimization and bystander intervention tests of mediating processes. e Journal of Early Adolescence, Berlin, v. 32, n. 4, p. 516-536, Aug. 2012.

KOCHENDERFER-LADD, B.; PELLETIER, M. E. Teachers' views and beliefs about bullying: influences on classroom management strategies and students' coping with peer victimization. Journal of School Psychology, New York, v. 46, n. 4, p. 431-453, Aug. 2008.

PEREIRA, S. M. de S. Bullying e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books .

SANTOS, L. P. R. dos. (2007). O papel do professor diante do bullying na sala de aula. Bauru, SP: UNESP. Recuperado: 14 abr 2011. Disponível: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20%20Final.pdf>

SHIN, Y.; HYE, Y. K. Peer victimization in Korean preschool children: the effects of child characteristics, parenting behaviors, and teacher-child relationships. *School Psychology International*, London, v. 29, n. 5, p. 590-605, Oct. 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. Universidade Federal de Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/3330>.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Cartilha: Bullying - justiça nas escolas*. 1ª ed. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, 2010.

SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; BAZON, Marina Rezende; CECÍLIO, Sálua. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 65 (1): 121-137, 2013.

TROOP-GORDON, W.; LADD, G. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: Associations with students' aggressive behaviour and peer victimization. *Journal of Abnormal Child Psychology*, New York, v. 43, n. 1, p. 45-60, Jan. 2015.